

Desafios actuais e opção dehoniana

Quando há algumas semanas o Pe. Aquilino me pediu, para este encontro de Provinciais da Europa, uma reflexão sobre *como ler à luz do nosso carisma os desafios actuais da nossa consagração*, a princípio pensei que se tratava de um tema que me ocuparia pouco tempo e que seria relativamente fácil desenvolvê-lo procurando informação aqui e ali e fazendo de tudo isso uma releitura dehoniana. Com o decorrer das semanas, e tendo na minha cabeça esta reflexão, fui-me dando conta de que o assunto não era tão fácil, e que não poderia tratá-lo de modo puramente “académico”, “técnico” e “distante”. Cheguei à conclusão de que, se queria responder com “honestidade” precisava de fazer uma abordagem **cordial** (a partir do coração) que me envolvesse pessoalmente. Por isso, nas páginas seguintes permiti-me certas “licenças literárias” que, talvez as afastem do “academicamente correcto”, mas que têm a única intenção de tratar **de modo vivencial** a questão.

O método usado na elaboração das páginas seguintes é a “entrevista ficção”, isto é, imaginei-me ser um jovem religioso dehoniano que, preocupado com os desafios que a sua opção religiosa deve enfrentar, aproveitando o 125 aniversário da fundação da nossa Congregação, faz uma série de perguntas ao Pe. Dehon. O Fundador responde com as suas próprias palavras ou com palavras “emprestadas”, postas nos seus lábios e que imagino que poderia ter pronunciado, se no seu tempo lhe tivessem sido postas as perguntas que vêm a seguir ou outras semelhantes. Estou consciente dos riscos que isto pode comportar, mas assumo-os.

Passemos, sem mais preâmbulos, à entrevista.

Pe. Dehon, em primeiro lugar quero agradecer-lhe a boa disposição e as facilidades concedidas para realizar esta entrevista.

Para mim não é nenhum incómodo, mas um prazer, poder responder a tudo aquilo que me pergunte, tendo presente que há coisas que não poderei dizer com a vossa linguagem, mas a que tentarei responder com o exemplo da minha vida. Para mim é sempre um prazer dar a razão da minha fé, porque “*o Lado aberto e o Coração trespassado do Salvador constituem para (mim) a expressão mais evocadora de um amor cuja presença activa (experimentei na minha própria) vida*”¹.

1. Começaremos com uma pergunta de carácter geral: qual a sua opinião sobre os desafios que se põem hoje à nossa vida religiosa dehoniana?

Creio que o maior desafio que se põe à vossa vida religiosa dehoniana actual é o desafio de viver como **viveu Jesus de Nazaré**. É verdade que este é um grande desafio de sempre, mas para vós tem uma força extraordinária porque se liga a muitos outros desafios. E não deveis interpretar sempre estes desafios como algo de negativo, mas como oportunidade que vos é oferecida, como impulso para reagir ou como ocasião para sacudir situações e atitudes de instalação, de aburguesamento ou de conformismo. Portanto, o primeiro desafio, e o mais importante, é que estejais convencidos de que o **Evangelho** é a única Boa Notícia que interessa todo o ser humano. Os outros desafios não estão por aí, pela rua... ou, pelo menos, não só. Levai-los dentro de vós. Como um vírus ou uma vacina. São agravados, fortalecidos e alimentados a partir de fora. É

¹ Cst. N. 2.

preciso que os enfrenteis, não só a nível erudito mas a partir da vossa opção de vida. Hoje experimentais uma sensação de desencanto, mas isso é uma característica própria dos momentos de transição. De qualquer modo, a vossa vida dehoniana há-de ser capaz de reflectir a alegria de ter escutado a Boa Notícia.

2. *Posso concluir desta primeira resposta que a opção de vida dehoniana não é algo de “ultrapassado” e que continua a ser válida?*

Não só válida mas também necessária. Para isso, haveis de interiorizar e tornar realidade o que dizia a Igreja, em 1888, da nossa Congregação no “*Decretum laudis*”², onde lemos o seguinte: *Origem da obra: “Como uma flor graciosa e perfumada, a Sociedade dos Sacerdotes do Sagrado Coração, chamada de Soissons, brotou em S. Quintino no ano de 1877, entre sarças e espinhos que na nossa época brotam por todo o lado”*. Se te parece interessante o que acabas de escutar presta atenção ao que segue. *Finalidade da obra: “Desligados das preocupações terrenas, os membros deste Instituto aspiram à honra de se dedicarem sem reservas nem medidas, ao beneplácito do Coração de Jesus; daí o seu constante afã por reavivar, antes de mais nos seus corações, e depois nos dos seus próximos, a chama que Nosso Senhor trouxe à terra e que deseja encontrar cada dia mais ardente”*. Dito de outro modo, é preciso que sejais fiéis. Precisais de uma **fidelidade criativa**, quer dizer, precisais de ser fiéis não só à herança do passado, mas também às promessas do futuro. Porque a fidelidade não consiste em ficar agarrado ao passado nem na recusa da mudança. Permanecer não significa ser constante. A fidelidade não é estabilidade de lugar, mas estabilidade do coração. A fidelidade significa estar disposto a mudar para continuar igual a si mesmo. Fidelidade não significa nunca cometer erros; significa não permanecer neles. É, portanto, em nome da fidelidade que tendes a obrigação de olhar de frente os desafios que espreitam a vossa vida dehoniana para vos dedicardes, sem reserva e sem medida, primeiro em vós mesmos e depois nos outros, a tornar cada dia mais ardente a chama do **amor de Deus**. Além disso, deveis ter a certeza e a confiança suficientes porque *“a Congregação não é obra minha, mas obra de Nosso Senhor... Jesus fez tudo, conservou a Obra apesar das minhas faltas. Ele queria-a e ainda a quer”*³. A vossa opção dehoniana será válida e significativa para os vossos contemporâneos se tiverdes a valentia suficiente para reconhecer que *“são sobretudo corações o que Jesus quer e o nosso é duro... Ele deu-nos o seu Coração. A outros dá o poder da palavra ou das obras, a nós a efusão do amor. Em troca reclama o nosso coração”*⁴.

Prestados os primeiros esclarecimentos, que me pareceram muito oportunos, vamos às perguntas mais concretas. Vou dividi-las em diferentes blocos para que se torne mais fácil delimitar os campos e respectivos conteúdos, e as suas respostas possam iluminar melhor os vários desafios a que são submetidas a nossa vocação e a nossa opção dehoniana.

² Foi ditado a 25 de Fevereiro de 1888 pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, assinada pelo seu prefeito, o Cardeal Masotti. Para seguir este grande acontecimento baseei-me no que se encontra sobre ele em PAPASOGLI, G., *Padre Dehon*, Editorial El Reino, Madrid, 1977, pp. 230-232.

³ NQ XLIV, 98-99, Fevereiro de 1924.

⁴ CF II, 24, 6 de Maio de 1880.

Parece-me uma proposta muito acertada. Espero as tuas perguntas. Qual é o primeiro bloco de questões?

Missão

3. O primeiro bloco está centrado na Missão, porque se dermos importância às estatísticas e à média de idade na nossa Congregação, verificamos que na Europa somos cada vez menos e mais velhos. Que diz a isto? Pode esta realidade afectar a nossa missão?

É verdade que o panorama actual da Igreja na Europa, em geral, e da nossa Congregação, em particular, se encontra numa espécie de crise de sobrevivência. A partir da experiência, da honestidade e da tranquilidade que me dão os anos, permito-me dizer-te que a nossa Congregação na Europa desempenhou e continua a desempenhar com dignidade a missão que lhe foi confiada pelo Espírito na Igreja. Posto isto, devo reconhecer que a Congregação, em boa parte da Europa, mostra deficiências que são verificáveis: são evidentes os sinais de aburguesamento; o individualismo parece ganhar terreno na comunidade; a própria força de esperança escatológica, que o nosso carisma mostrava no passado, pode ter dado lugar à inércia e à resignação do “fazemos o que podemos”. E creio que parte desta situação tem a ver com o facto de que vos preocupais cada vez mais convosco mesmos: com a vossa reorganização, com a vossa sobrevivência, com a administração da vossa “decadência”... e isto consome forças, tempo, entusiasmo e criatividade apostólica e, o que é mais grave, afecta e atinge a própria alma.

Ao mesmo tempo, parece-me que falais da diminuição numérica e do aumento da idade média dos dehonianos como se os números, as percentagens e o tempo fossem o sentido do vosso compromisso, da vossa consagração e a medida do vosso “êxito”. Para ser válidos, a nossa Congregação e o nosso carisma, não se requerem multidões. Para experimentar o seu valor deveis dar-vos conta de que a vossa missão é a de ser voz e apelo, presença e profecia e não simplesmente mão de obra barata e disciplinada. O que realmente importa (ainda que soe a resignação e a desculpa) é a qualidade da vossa vida e consagração e não a quantidade de pessoas que integrem as respectivas listas de membros das Províncias ou o *Elenchus* da Congregação.

Habitados a passados mais gloriosos e a números, estatísticas e influências sociais muito mais significativas do que as actuais, talvez, tenhais perdido de vista a espiritualidade do risco evangélico, do desapego de vós mesmos, da inovação, da criatividade, das “obras de fronteira”, etc., mas é preciso que renoveis o vosso entusiasmo evangélico “*tomai a resolução de ser apóstolos... correspondei generosamente a esta graça, como fizeram os apóstolos que não vacilaram um só instante*”⁵.

4. Gostaria de saber a sua opinião sobre a missão que a nossa Congregação deve realizar. Ela surgiu num momento histórico muito concreto, como resposta a necessidades sociais e eclesiais precisas: que papel deveria desempenhar a nossa Congregação na situação social e eclesial do presente e sobretudo do futuro?

⁵ DEHON, L., *Los ejercicios del Sagrado Corazón*, Server-Cuesta, Valladolid 1958, p. 161.

Na segunda metade do século XIX, como bem sabes, fomos confrontados com uma enorme questão social porque a técnica tinha revolucionado tudo: introduziu-se a máquina a vapor, fundaram-se fábricas, e o chamado capitalismo liberal começou a ter o seu período de prosperidade. A sociedade foi dividida em vencedores e vencidos. A Igreja parecia alheia à penúria e às necessidades dos homens de então. Quando cheguei como coadjutor a S. Quintino, não tinha qualquer plano preconcebido, nenhum projecto elaborado, nem nada de concreto por onde começar. Mas sabia que não podia contemplar passivamente a situação que sofriam os meus contemporâneos. O contacto directo com o povo e com os seus problemas, a penúria económica, as fábricas, os bairros, as crianças abandonadas à sua sorte, os jovens sem esperança de futuro, etc., foram-me abrindo horizontes e senti-me “obrigado” a tentar uma resposta. Por isso, surgem o Patronato de S. José, o colégio S. João, o Jornal, e finalmente a minha obra mais preciosa: a nossa Congregação, a tua e a minha.

Sim, sei que estudaste tudo isso no noviciado e o sabes bem. Mas o que acabo de te dizer não é para suscitar uma recordação nostálgica das origens da Congregação, mas para te mostrar como podem ser lidos e enfrentados os desafios de cada momento histórico. Porque, ainda que salvaguardando as distâncias, não me negarás que a situação actual é um pouco semelhante à vivida por mim: estais mergulhados numa incrível revolução técnica, desta vez não só no mundo industrial, mas também no campo da informática, do micro-ship, da tecnologia da comunicação... No fundo, confrontais-vos com o mesmo resultado: de um lado, uns poucos vencedores; de outro lado, muitos homens ameaçados e perdedores. Não tendes aqui, aquilo que chamais com essa expressão tão moderna, claros “sinais dos tempos”? Não ecoam aos vossos ouvidos os mesmos gritos de desespero dos mais desfavorecidos que eu escutava nas ruas da minha querida S. Quintino, e em toda a Europa, na segunda metade do século XIX? Ides permanecer de braços cruzados vendo tantas necessidades; “*não quereis prestar o vosso concurso na obra da salvação, permaneceréis surdos ao seu apelo*”⁶? Não vos comovem interiormente a feroz e agressiva competitividade, o culto do dinheiro convertido em ídolo, a falta de solidariedade que cria marginalização e exclusão social? Não existem no vosso sistema económico neoliberal e globalizado os que “sobram”: os desempregados, os emigrantes, os que não têm voz nem oportunidades, os doentes terminais e os deficientes?

5. Compreendo, mas perante esta realidade, que podemos fazer, de concreto, perante tanta necessidade?

O que posso dizer-te, em primeiro lugar, é que não há fórmulas mágicas nem remédios milagrosos; o mais importante é que “*não vos deixeis abater nem aniquilar pelo desânimo. Orai e actuai, Deus fará o resto... tende coragem, esperai e sede valentes*”⁷ Depois, se insistes e me pedes algo de mais concreto, digo-te que não podeis estar alheios às questões sociais, que vos deveis preocupar com a vida dos vossos contemporâneos, com a “sorte” dos excluídos do vosso sistema económico, dos imigrantes, dos idosos... esta deveria ser a vossa paixão dominante, fora de toda a política, de toda a ambição, de toda a recriminação⁸. É preciso enfrentar os desafios

⁶ Ibidem, p. 165.

⁷ Palavras tiradas de um discurso feito pelo Pe. Dehon na ocasião de uma festa de ex-alunos do “S. João” a 18 de Agosto de 1895. Dehoniana n. 103, 2000/3, p. 9-12.

⁸ Parafraseamos e “forçamos” o pensamento de Mons. Dupanloup sobre este tema que o Pe. Dehon lembra nas suas Memórias (Cf. NHV VI, 131).

actuais com novos métodos, “é preciso ir ao encontro do homem⁹ para o iluminar, instruir e amar¹⁰, ide aos vivos, ide aos homens, ide ao povo e não vos hão-de considerar mais como aves de mau agoiro. O nosso século tem sede de acção religiosa. A grave doença da sociedade actual é a ausência de vida religiosa”¹¹. Creio que o religioso dehoniano tem três obrigações a cumprir no seu compromisso social: estudar, ensinar, actuar; porque deste modo será luz e sal da terra e, portanto, deve fazer reinar a verdade, a justiça e a caridade¹². O dehoniano deve ser o homem da oração e do sacrifício, o homem dos estudos e das obras sociais, o discípulo e o apóstolo do Coração de Jesus¹³. Pensas que o convite feito por Leão XIII não continua a ser tão actual e tão necessário como foi no seu tempo? Mais ainda: não te parece que o “ide ao Povo” e o “sair das sacristias” possa ser traduzido por “saf dos colégios, das antigas instituições, dos apostolados tradicionais e ide para onde for necessária a vossa presença, para onde se amontoa o refugio da vossa sociedade actual?”.

6. *Concretamente: como pode a nossa Congregação traduzir hoje o seu carisma social e torná-lo realidade na nossa sociedade actual?*

No fundo estás a perguntar-me “que método é preciso seguir para oferecer uma solução? A resposta é simples: *não percais de vista os modelos: Cristo e os apóstolos... Ide e ensinai os homens... ide aos homens especialmente aos que não vêm a nós, falai-lhes, agrupai-os e utilizai a forma nova da palavra: o jornal, ocupai-vos dos interesses económicos e sociais do povo*”¹⁴. Evidentemente não se trata só de teorias, mas de prática, “*não basta levar ao povo a palavra que instrui e consola; é preciso ocupar-se dos seus interesses espirituais*”¹⁵. A vossa consagração de vida ao carisma dehoniano deve levar-vos a contribuir para a construção de um mundo onde reine a **justiça** e a **caridade**¹⁶ porque “*esperamos novos céus e nova terra, em que habite a justiça*”¹⁷. Aqueles de vós que fizerdes da vossa vida uma leitura dehoniana do Evangelho deveis entender que nas **Bem-aventuranças** estão contidos o zelo e a força que deve caracterizar a vossa missão. Seguindo a Cristo, deveis viver em **solidariedade efectiva**¹⁸ com os homens do vosso tempo e que vos rodeiam; porque “*os que julgam poder esquecer a sua preocupação pela justiça dando esmola, não entendem nada do Evangelho*”¹⁹. No fundo, trata-se de tomar como modelo de acção a Jesus de Nazaré, para Quem, a lei, o sábado, a ovelha ou o boi são sempre menos importantes do que o homem. Os vossos contemporâneos, tal como os meus, querem transformá-lo e torná-lo algo de alheio e distante da realidade do homem, porque “*o leão de Judá está a ser metamorfoseado num tímido cordeiro. O nosso Cristo, cujo apostolado poderoso e forte*

⁹ NQ XI, 25v, 5-8 de Junho de 1895.

¹⁰ OS III, p. 274.

¹¹ OS, p. 166.

¹² Cf. OS III, p. 73.

¹³ Cf. OS II, p. 109.

¹⁴ OS I, p. 166-167.

¹⁵ OS II, p. 154.

¹⁶ “*A exemplo do Fundador, sintonizando com os sinais dos tempos e em comunhão com a vida da Igreja, queremos contribuir para instaurar o reino da justiça e da caridade cristã no mundo (Cst n. 32).*”

¹⁷ 2Pe 3, 13.

¹⁸ Cst n. 29.

¹⁹ Osp IV, p. 16. É muito significativo, e por isso o sublinho, que o Pe. Dehon escreva sobre o compromisso social numa obra eminentemente espiritual: *L'Année avec le Sacré-Coeur*..

*inspirou o de Paulo, o de Francisco Xavier e o de todos os conquistadores de almas, está a ser transformado em homem tímido e fraco que só fala às crianças e aos doentes*²⁰. Hoje, como sempre – ou talvez mais do que nunca – continua a ser necessário comprometer-se **profeticamente**, a partir do **amor**, contra o deus neoliberal da morte e da exclusão e **servir**, a partir da **reconciliação**²¹ a instauração do Reino da Vida e da Libertação.

A actualização e concreção do carisma social da Congregação passa necessariamente pela *“justiça, caridade e compaixão para com todos os que sofrem: os pequenos, os humildes, os oprimidos... deveis consagrar as vossas melhores energias naquelas instituições que se propõem contribuir para o triunfo da justiça social e que devem impedir a opressão dos fracos pelos poderosos... é preciso ter valentia. A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos... É isto que espero de vós”*²².

Comunidade

7. *O segundo bloco tem como ponto central a **comunidade** e como ela é afectada pela nossa cultura dominante. O homem ocidental actual caracteriza-se por ter uma aguda consciência do seu “eu”, da sua dignidade e da liberdade pessoal, que – mal entendida – o faz cair, não poucas vezes, no individualismo. Como conjugar este conceito de homem que acentua a subjectividade e a autonomia da pessoa com a necessidade de viver na comunidade característica da nossa consagração religiosa?*

O individualismo é a coisa mais contraditória não só para a nossa consagração religiosa dehoniana mas também para a vida em geral. O ser humano, por definição, é um “animal comunitário” e é fundamentalmente relação. A pessoa não existe sem um “tu”, sem um “outros”, sem um “nós” aberto. Pelo menos, esta é a proposta que nos vem da nossa fé cristã: um Deus que é Trindade, um Deus que é relação. Por isso, como pessoas e como dehonianos, estais na obrigação de combater absolutamente contra o individualismo; porque este supõe a morte da comunidade, a morte da renovação; é a negação da vida, é o vírus que infecta todo o projecto de vida. Perante o individualismo neoliberal e pós-moderno precisais de aprofundar a vossa memória comunitária, precisais de celebrar de modo partilhado a promessa da ressurreição e de vos comprometer na causa do Reino. Deveis fazer que o Reino se manifeste como vida e sentido para vós e para todos os que vos rodeiam. A única realidade importante é o Reino de Deus e a sua justiça; tudo o resto se vos dará por acréscimo²³.

Contra o veneno do individualismo, o antídoto mais eficaz é a partilha, antes de mais nada, da vossa própria pessoa. A **opção** dehoniana de lutar contra o individualismo, o subjectivismo e a autonomia pessoal (como valores absolutos e sem referência comunitária), que caracterizam a vossa sociedade neoliberal, é o **reconhecimento** e o **acolhimento** do outro como outro, de que a parábola do “Bom samaritano”²⁴ pode ser um magnífico expoente. A **disponibilidade**²⁵ e o **sint unum**²⁶

²⁰ OS II, p. 158.

²¹ Cf. Cst n. 7.

²² Osp I, p. 233.

²³ Cf. Mt 6, 33.

²⁴ Falar da parábola do “Bom samaritano” não é mais do que tomar partido pelos pobres e excluídos (as “vítimas”) dentro do sistema de globalização. O samaritano vê o ferido, comove-se e aproxima-se; depois, trata-lhe as feridas, põe-no sobre a sua montada, leva-o à estalagem e cuida dele. No fundo, faz tudo quanto tem que fazer, a sua solidariedade é **afectiva** e **efectiva**.

são atitudes que, como dehonianos, vos devem tornar capazes de estar atentos aos clamores e necessidades dos homens do vosso tempo. A prática da fraternidade evangélica é o testemunho mais efectivo. As relações gratuitas, igualitárias, serviçais, solidárias... dos membros das vossas comunidades são o melhor testemunho no mundo enredado nas relações comerciais, discriminatórias, utilitaristas, não solidárias...

Não me ocorre melhor resposta a este estilo de vida onde o indivíduo é a medida, o centro, a razão e o coração da sua própria existência do que a própria vida comunitária em si mesma. Vida comunitária que tem o seu núcleo no **amor recíproco**, ou o que é o mesmo, num projecto de vida onde “*cada um acolha os outros como realmente são, com a sua personalidade e funções... se deixe pôr em questão pelos irmãos*”²⁷. Vida comunitária que é a “*a realização mais densa da nossa vida cristã*”²⁸. O ideal da **solidariedade**²⁹ e da **caridade fraterna**³⁰ hão-de ser uma das metas principais da vossa vida de dehonianos. Além disso, a vivência do **sint unum** será testemunho eloquente perante o olhar e os desafios dos homens do vosso tempo: ou seja, será um sinal da presença do Reino de Deus na vossa sociedade, uma antecipação da realidade futura.

8. *Gostaria que se detivesse por momentos no **sint unum** e me dissesse quais as suas implicações concretas na nossa vida de dehonianos.*

No momento histórico que viveis, como em todos os tempos, o homem deixa-se facilmente vencer pelo amor próprio desordenado, pelo orgulho, pela cobiça, pela inveja, pela rivalidade, pelo egoísmo, etc. E tudo isto é absolutamente contrário ao que Jesus de Nazaré veio ensinar-nos por palavras e obras. Mas sinceramente creio que aquilo que o Evangelho nos ensina corresponde ao que o ser humano deseja no mais profundo do seu ser: um mundo novo mais humano e mais fraterno. Precisamente por isso creio que a vossa sociedade pode perceber que é realmente possível realizar o ideal da concórdia e da unidade entre os homens expresso no **sint unum**.

Suponho que estás a interrogar-te sobre o modo como isto se pode tornar palpável ou visível. Só é possível na medida em que tenteis tornar a vossa vida comunitária mais fácil, cordial e próxima; desta forma, o vosso testemunho será mais credível e atraente se todos se esforçarem “*por manter a caridade e a união dos corações mediante a afabilidade, a doçura e a deferência nas relações recíprocas e toda a espécie de serviços que tiverem oportunidade de prestar uns aos outros. Deve evitar-se tudo o que seja contrário à união e à delicadeza*”³¹. Mas, tendo presente, além disso, que a vida comunitária não se baseia só em relações pessoais, simpatias ou normas de respeito ou de educação, estando conscientes de que a comunidade é **dom** do Espírito, deve fundamentar-se: na oração, tanto pessoal como comunitária, **na**

²⁵ Cst n. 18: “*É também na disponibilidade e no amor para com todos, especialmente para com os pequenos e os que sofrem, que viveremos a nossa união a Cristo*”.

²⁶ Cst n. 95: “*O Sint unum, sublinhado pelo Padre Fundador, requer do candidato, mediante a educação para o amor autêntico, uma libertação progressiva do egoísmo, que é recusa do amor de Deus e da fraternidade*”.

²⁷ Cst n. 66.

²⁸ Cst. N. 63

²⁹ Cst n. 67.

³⁰ Cst n. 42: “*Este compromisso.. liberta o nosso coração, abre-nos à inspiração do Espírito e ao encontro com o próximo na caridade fraterna*”.

³¹ DEHON, L., Directório Espiritual, n. 108.

eucaristia, que como muito bem sabes, deve ser o “o acto culminante da jornada, o acto que nos caracteriza... a razão de ser... tudo o que devemos ser”³², e constitui o centro da vossa vida, já que é o sacramento da união com Deus e com os outros; por isso, a vossa forma de vida comum deve deixar-se “interpelar pelos homens no meio dos quais vive. Procura assumir e apoiar os seus esforços de reconciliação e de fraternidade”³³.

A comunidade é lugar de **conversão**³⁴. É o lugar propício para partilhar a escuta da Palavra³⁵ e a busca da vontade de Deus; para aprender o serviço, a entrega quotidiana da própria vida. Por isso, a comunidade não é uma soma matemática de unidades isoladas, mas uma comunhão de pessoas diferentes num mesmo projecto evangélico.

9. *Estou de acordo com tudo o que acaba de dizer, mas na minha experiência de vida comunitária deparei-me com algumas atitudes “mundanas”, que supostamente deveriam estar superadas ao ingressar na vida religiosa, e que são obstáculo ao avanço no caminho do sentir comum na vida comunitária. Como podemos enfrentar esses obstáculos?*

A primeira coisa que quero sublinhar é algo que já te disse anteriormente e que agora quero repetir para que não o percas de vista. A comunidade é obra do Espírito. Mas é preciso deixar trabalhar o Espírito, coisa que não é fácil para vós já que sois filhos da cultura neoliberal da produtividade e da eficácia. É importante que graves na tua cabeça que é necessária uma nova espiritualidade da **gratuidade**. E como estudaste ou estudarás mais tarde, a graça não destrói a natureza mas vem em sua ajuda. É preciso seres realista e, ainda que seja verdade que somos chamados pelo mesmo Senhor e estejamos unidos pela mesma fé, as diferenças continuam a existir. Cada um tem a sua origem e a sua história, o seu carácter, a sua cultura... o realismo exige que assumamos as diferenças e a diversidade de pessoas, “*não confiemos no que nos divide, no amor próprio ou na estima exagerada pelo nosso próprio juízo. Não confiemos tampouco em sentimentos de antipatias naturais... mas tratemos de nos amar uns aos outros*”³⁶.

Para que o testemunho da vossa vida comunitária seja credível, deveis conservar a **paz** e a **caridade**³⁷, deveis **fugir** das **críticas**, das **divisões** e do **mau espírito**³⁸, deveis **esquecer** os pequenos **atritos**³⁹, deveis ser **delicados**, saber **acolher** e ser **apoio**

³² CF III, 60, 6 de Agosto de 1880.

³³ Cst n. 61b.

³⁴ Cst n. Cst n. 144d: “*radicados no amor de Cristo, sabemos que a nossa opção pela vida religiosa, para que se mantenha viva, exige o encontro frequente com o Senhor na oração, a conversão permanente ao Evangelho e a disponibilidade de coração e de atitudes, para acolher o Hoje de Deus*”.

³⁵ Cst n. 17c.

³⁶ O Pe. Dehon exortava desta forma os membros da sua Congregação no Capítulo Geral, celebrado em Lovaina (Bélgica) no mês de Dezembro de 1908. Citado pelo Pe. Alexandre Bastiaanse, SCJ, Cartilla XVII das suas *Cartillas Dehonianas*, série II, Santiago de Chile, 2001.

³⁷ “*Nada é mais importante entre nós do que conservar a paz e a caridade. É uma condição para sermos abençoados nas nossas obras*”. Carta escrita pelo Pe. Dehon ao Pe. Kusters a 2 de Janeiro de 1912. AD, B 74/2. Inventário 970.33.

³⁸ A 8 de Maio de 1910, o Pe. Dehon escrevia aos noviços de Sittard: “*Fugi do mau espírito e das críticas como da peste. Amai-vos uns aos outros, somos os discípulos de S. João Evangelista*”. AD, B 22/f.

³⁹ “*Há que esquecer-se dos pequenos atritos e unir-se no zelo pelo reino do Sagrado Coração*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao Pe. Van Hommerich a 3 de Junho de 1913.

humano, moral e espiritual para todos⁴⁰. Ao mesmo tempo, para que seja **atraente** e significativa a vossa forma de viver, a comunidade deve dar testemunho de fervor⁴¹. Queria terminar com uma palavras que lemos na nossa Regra de Vida e que acentuam aquilo que considero mais importante neste tema: “*Na comunhão, mesmo para além dos conflitos, e no perdão recíproco quereríamos mostrar que a fraternidade porque os homens anseiam é possível em Jesus Cristo e dela quereríamos ser fiéis servidores*”⁴².

Espiritualidade

10. *Agora, se estiver de acordo, gostaria que nos detivéssemos por uns momentos na nossa **espiritualidade** dehoniana.*

Parece-me muito bem que nos detenhamos neste bloco pois considero a espiritualidade como ponto central e transcendental para o **ser** e o **fazer** de todos os dehonianos de ontem, de hoje e de amanhã. A espiritualidade dehoniana é um modo concreto de contemplar e de seguir a Jesus; é um estilo de vida, inspirado na profissão de fé de S. João: “*Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; quem está no amor está em Deus e Deus está nele*”⁴³. A fonte principal da nossa espiritualidade é o **Evangelho**, daí a sua permanente actualidade porque, como nos recorda João Paulo II: “*a sociedade de hoje precisa de entrar em contacto com o Coração de Cristo onde a paz, a serenidade, a consolação e o perdão se podem encontrar*”⁴⁴. Para vós é fundamental mergulhar na essência da nossa espiritualidade, deste modo, podereis orientar a vossa vida, amadurecer a vossa fé, discernir em cada momento o que está mais de acordo com a opção evangélica: finalmente, para vós devia ser mais importante o “porquê” do que o “como”.

11. *A nossa Regra de Vida no seu número 1b diz que “a Congregação é chamada a fazer frutificar esse carisma, segundo as exigências da Igreja e do mundo”. Como é possível fazer isso perante desafios como os do nosso tempo?*

Creio que o mais importante neste ponto é que penses que a secularização do mundo em que viveis vos levou ao secularismo praticante. Quer dizer, pelo vosso afã cada vez maior em vos adaptar ao mundo, talvez chegastes a confundir-vos com ele, esquecendo a recomendação de Paulo: “*não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito*”⁴⁵. Creio que o maior desafio que tendes neste momento, no que se refere à espiritualidade, é a **experiência de Deus**. A função de toda a vossa vida é manter a **pergunta sobre Deus** e se falha este contributo específico vosso, tudo o resto, missões, compromissos, vida comum... perdem o seu significado.

⁴⁰ “*Nós religiosos devemos conservar a caridade recíproca*”. Carta escrita pelo Pe. Dehon ao Pe. Wiese (mestre de noviços em Cinfontaines) a 26 de Dezembro de 1914. AD, B 19/3. Inventário 234.04.

⁴¹ “*Se o fervor reinar nas nossas casas, os jovens virão*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao Pe. Slangen a 23 de Maio de 1921. AD, B 19/3^a. Inventário 233.02

⁴² Cst n. 65.

⁴³ 1Jo 4, 16.

⁴⁴ Palavras pronunciadas por João Paulo II a 14 de Junho de 1989 e que recolhe e cita o Pe. Arnaldo Van Der Meer na *Cartilla 7* da sua obra: Padre Léon Dehon 1843-1925, profeta do amor e mensageiro da reconciliação.

⁴⁵ Rom 12, 2.

Tudo isto supõe um caminho, e implica também uma opção por uma espiritualidade incarnada, libertadora, inculturada. Dito com palavras simples, é preciso que a espiritualidade esteja ligada ao hoje da história, aqui e agora, e que vos faça pessoas capazes de aprofundar a realidade e de vê-la como que atravessada pelo mistério, uma espiritualidade que não precisa de “separar-se” mas que desenvolve em cada um dos dehonianos a capacidade de se deixar conduzir a partir de dentro, guiada por este Deus que habita na história.

O século XXI precisa de testemunhas vitais que acolham a vida de todo o coração, a transmitam do mesmo modo, e não só academicamente. As teorias já estão escritas nos livros; faz falta contagiar a vida quando se conseguiu captá-la em profundidade. Fazem falta pessoas impregnadas de espiritualidade. O cenário do vosso momento histórico precisa de pessoas com experiência de Deus que em vez de se transformarem com conversa, **façam experiência** de Deus. Um mundo como o vosso exige de vós uma fundamentação e um testemunho da vossa fé, da vossa esperança e do vosso compromisso com a caridade. O vosso momento histórico precisa de sinais claros e eloquentes pronunciados “*com a vida, com os lábios e com as obras*”⁴⁶, sinais ardentes e apaixonados, sinais vitais e concretos e não meros discursos aprendidos e abstractos, precisa de pessoas que transbordem Evangelho, de homens que antes de levar aos outros a Boa Notícia tornaram evangélica a sua própria vida. A palavra que ides transmitir precisa de ser previamente acolhida, caso contrário expondes-vos à profanação de falar “em nome de outros deuses” ou de vós mesmos, e não do Senhor. Com relativa frequência podeis surpreender-vos a deformar a vossa oração, quando a reduzis quase exclusivamente, a palavra vossa, com que não falais de Deus, mas com que lhe dais a vossa vontade. Perante a palavra vazia, os discursos ociosos e as promessas falazes, aquilo de que o vosso mundo precisa é do **silêncio**⁴⁷. O silêncio é necessário para que a verdadeira palavra brote do coração, porque é do coração que brotam as verdades.

No fundo, é “*a hora de uma nova imaginação da caridade*”⁴⁸; é o momento de vos converterdes em testemunhas do amor de Deus, em próximos e solidários com os que sofrem. Sois chamados a viver o que sois como religiosos dehonianos com mais qualidade de vida e maior autenticidade; com **espírito de peregrinos**: deveis ter fixos os vossos olhos e o vosso coração em Jesus Cristo, meta do vosso caminho; deveis manter um olhar contemplativo que transforme todos os vossos caminhos numa experiência de Deus e todo o rosto humano numa imagem de Deus; deveis caminhar com a bagagem reduzida ao essencial; deveis caminhar com Cristo, “fazendo o bem” e oferecendo novas respostas às necessidades dos vossos contemporâneos, sabendo que “*o culto do Sagrado Coração não é para nós uma simples devoção, mas uma verdadeira renovação de toda a vida cristã*”⁴⁹; deveis caminhar descalços, quer dizer, com humildade, mas com determinação e sem nenhum tipo de complexos; deveis caminhar prestando uma especial atenção à escuta da Palavra de Deus já que a sua meditação e interiorização faz que não a “domestiqueis” e que vos “desacostumeis” já que o pior que vos pode acontecer é que o costume, a rotina, a “tradição” seja mais forte do que a vossa opção ou do que o vosso amor.

⁴⁶ VC, 84.

⁴⁷ “*Temos que observar especialmente o silêncio porque a nossa vida é contemplativa... e a contemplação é a conversação interior com Nosso Senhor e para escutá-Lo é preciso silêncio*”. CF II, 3, 9 de Abril de 1880.

⁴⁸ NMI, 50

⁴⁹ RCJ, 1889; OS I, p. 7.

12. *Uma das tentações mais fortes do nosso momento histórico é o activismo. Que pensa disso?*

A tentação do activismo está muito presente na vossa vida, mas não vos esqueçais de que, quando não dedicais tempo a mergulhar no Evangelho devido ao trabalho evangélico que fazeis, estais a converter-vos a vós mesmos no vosso deus, e o trabalho que realizais em vosso fim. Isso levar-vos-á ao fracasso, se não na vossa actividade exterior, sim, sem dúvida, no vosso interior. O primeiro sinal de que alguma coisa está a falhar na forma de entender a vossa consagração religiosa aparece quando o trabalho se torna mais importante do que a busca espiritual e o que esta exige de vós, aqui e agora. Estejais onde estiverdes e fazeis o que fizerdes, deveis fazê-lo tendo presente a superioridade da vontade de Deus. E buscar a Deus é sentir-se impelido para a acção.

Aquilo de que a vossa vida religiosa hoje precisa é de cultivar o sagrado, não separado do secular, mas a partir da sua própria essência. Porque é muito forte a tentação do activismo, é, por isso mesmo, prudente reservardes tempo suficiente para a oração diária, para a leitura bíblica e sobretudo para a participação diária na Eucaristia e na adoração. Deveis estar conscientes de que *“Deus não sabe o que fazer com a nossa ciência e com as nossas obras se não possuir o nosso coração”*⁵⁰, sem esquecer que *“a vida interior é a base do apostolado. Uma pessoa que tem muito trabalho deve, mais do que as outras, manter-se fiel aos exercícios de piedade, pôr-se profundamente na presença de Deus antes de começar as suas actividades; em certos momentos do dia (deve) voltar a recordar essa presença. É uma tarefa necessária de vida interior que não se deve descuidar”*⁵¹. São tantas as necessidades dos homens de todos os tempos que sempre sereis poucos para o trabalho que se vos apresenta ao longo da vida. Continua a ser verdade, talvez hoje mais do que nunca, a palavra que diz que a messe é grande e os trabalhadores são poucos. A realidade do trabalho é inegável. E surge a tentação da actividade. Todo o tempo que lhe dedicais parece-vos pouco. O mundo a que tentais servir precisa do vosso fazer, mas creio que necessita mais do vosso ser, porque, *“num jardim não há só uma espécie de flores; a mesma variedade existe nas almas... esta Congregação tem uma especialidade, aquela tem outra. Os Oblatos devem dar a todos os seus actos, pelo menos aos principais, quando os começam, a forma de acto de amor e de reparação. Isto é o que devemos ser ou deixar de existir”*⁵².

13. *Se estiver de acordo, gostaria de ser mais concreto. Perante os desafios actuais, que elementos da nossa espiritualidade podem ser melhor resposta no presente e no futuro?*

Bem, sejamos um pouco mais concretos. Para isso, prefiro que sejas tu a enumerar esses desafios. Eu tentarei dar uma resposta a partir dos elementos que constituem a nossa espiritualidade. Começemos.

a) *Perante o homem actual tão tecnificado e tão materializado, que pode dizer a nossa espiritualidade?*

Perante esses desafios a resposta da nossa espiritualidade tem que passar necessariamente pela **adoração**, como presença, contemplação e oração, que constitui a

⁵⁰ NQ III, 35, 16-17 de Julho de 1886.

⁵¹ NQ XXV, Julho de 1910.

⁵² CF III, 2, 18 de Junho de 1880.

pedra angular da nossa Congregação. Sem ela, todo o resto (trabalho missionário, apostolado social, trabalho formativo, dedicação aos pequenos...) sendo para vós opções preferenciais, não dariam o fruto apetecido. “*Sem a adoração a nossa Obra não realiza a sua missão*”⁵³(porque) *sempre teremos obras, mas a principal ocupação será a adoração ao Santíssimo Sacramento*”⁵⁴. A adoração é o tempo da intimidade com Jesus de Nazaré, tempo de presença amorosa, tempo de olhar profundo, tempo de louvor sincero, tempo de relativizar a eficácia do que está à nossa volta, tempo de resistir à cizânia do materialismo, tempo de serenidade perante a fadiga e os contínuos obstáculos; em suma, é tempo de sentir que “*a intimidade divina com Cristo, no silêncio da contemplação, não nos afasta dos nossos contemporâneos, mas, pelo contrário, nos torna atentos e abertos às alegrias e às angústias dos homens e alarga o coração às dimensões do mundo. Esta intimidade torna-nos solidários para com os nossos irmãos em humanidade, particularmente para com os pequenos, que são os predilectos do Senhor*”⁵⁵.

Além disso, não deveis esquecer que a adoração está estreitamente unida à **celebração eucarística**⁵⁶ e esta “*reflecte-se em tudo o que (sois)somos e (viveis)vivemos*”⁵⁷. Fortalecidos pela presença de Cristo na Eucaristia, deveis empenhar-vos em denunciar o pecado, em trabalhar para que o vosso mundo actual, com os seus dramas e com as suas forças, se abra ao Reino de Deus. Num tempo como o vosso, a melhor resposta aos desafios que vos são postos deve vir de Jesus presente na Eucaristia onde “*o seu amor pelos homens é tão grande, tão terno e tão apaixonado que quis permanecer com eles e dar-se por eles*”⁵⁸.

b) Perante a não solidariedade, o egoísmo, o construir a vida à margem de Deus, que pode fazer a nossa opção de vida?

A melhor resposta a estes desafios passa pela **disponibilidade** que implica “*primazia do amor, reclama uma conversão permanente e desemboca no serviço de Deus e dos irmãos, sobretudo os mais pobres e os mais fracos*”⁵⁹. Disponibilidade de “*coração e de atitudes*”⁶⁰ que deve levar-vos, como já dissemos mais acima, a uma **solidariedade** efectiva com os homens e que vivida em profundidade implica “*o respeito mútuo, no amor fraterno, na solidariedade e na corresponsabilidade*”⁶¹.

Não há resposta mais contundente para os desafios que acabas de apresentar do que o “**ecce venio**” e o “**ecce ancilla**” que são as melhores críticas que Jesus e Maria podem fazer ao vosso estilo de vida centrado no amor próprio, no egoísmo e à margem de Deus. A vossa vida e o vosso trabalho deverão imitar a vida de Jesus e de Maria que viveram a vontade do Pai até ao fim e até às últimas consequências. Num mundo como o vosso, que parece alérgico a compromissos duradouros e estáveis, e onde predomina o lema “usar e deitar fora”, o “ecce venio” e o “ecce ancilla” que “*encerram toda a nossa*

⁵³ NQ VI, 23v, 1 de Março de 1893.

⁵⁴ CF III, 59, 1 de Agosto de 1880. O Pe. Dehon também escreve: “*nenhum trabalho pode substituir este exercício (adoração)*”, AD, B, 18-6.

⁵⁵ JOÃO PAULO II, carta sobre a adoração eucarística dirigida ao bispo de Liege por ocasião do 750 aniversário da festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, a 28 de Maio de 1996.

⁵⁶ Cst n. 83

⁵⁷ Cst n. 81

⁵⁸ Osp. II, p. 46.

⁵⁹ Cst n. 95b.

⁶⁰ Cst 144d.

⁶¹ Cst n. 67.

vocação, a nossa finalidade, o nosso dever, as nossas promessas”⁶², definem qual deve ser a atitude fundamental da vossa vida: entrega total, sem nada esperar em troca, prontidão para fazer a vontade do Pai, fé e total confiança em Deus. O “**fiat**” de Maria constitui a perfeita adesão de amor em total abandono à vontade do Pai. Não achas que este pode ser um bom propósito para a tua fidelidade como dehoniano?

c) *Perante o hedonismo reinante, a insensibilidade manifesta para com os sofrimentos e necessidades alheias e para situações de extrema pobreza, como devemos actuar?*

Deveis estar conscientes de que as situações de extrema necessidade não são apenas estatísticas ou números que inundam os vossos meios de comunicação, pelo contrário, essas necessidades adquirem rostos muito concretos em pessoas e situações com nomes e cognomes. Por isso, a vossa resposta precisa de ser contundente, eficaz e pronta. Deveis ser mais evangélicos, quer dizer, viver segundo o Evangelho. Deveis enfrentar estes desafios com a certeza de que tudo o que afecta o homem e o torna infeliz também afecta o Coração de Jesus. É por isso que afirma: “*vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos*”⁶³. “*Jesus dá-nos o exemplo mais perfeito da vida de amor... Onde encontrar, na verdade, um coração que nos tenha amado tanto, mais pura, perfeita e generosamente do que o do nosso Deus e Redentor, que o Coração de Jesus*”⁶⁴.

Responder aos desafios apresentados passa pela **oblação** que, por sua vez, deve ser inspirada e motivada pelo **amor**. Assim a viveu Jesus, e assim deveis vivê-la vós, os dehonianos de hoje e de amanhã. Isto não é senão a oferta de si mesmo por amor ao Pai. É uma atitude que deve dar coesão e coerência a toda a vossa vida, pelo menos isso é o que rezais no vosso acto de oblação de cada manhã: “*aceita a oferta de nós mesmos para que venha o teu Reino. Aumenta em nós o dom do Espírito, que renove o nosso coração. Conforma-nos a Cristo, teu servo fiel e amigo dos homens, e torna-nos totalmente disponíveis para o serviço dos irmãos*”⁶⁵.

Estes desafios devem fazer-vos olhar de frente o projecto do **amor de Deus**. Projecto que vos leva a ser homens com o coração permanentemente aberto a Deus e aos irmãos. Isso faz-vos *acolher o Espírito, responder ao amor de Cristo e cooperar com a sua obra redentora*”⁶⁶. Numa palavra, torna-vos solidários, conscientes da vossa própria fraqueza, e leva-nos a nunca passar ao lado de quem precisa de vós, e, ao mesmo tempo, ensina-vos a sujar as mãos e a correr todos os riscos para socorrer o necessitado. É claro que, sem a nomear, estou a falar-te da **reparação** que é e deve ser “*um testemunho profético, empenhando-nos sem reserva, no advento da nova humanidade em Jesus Cristo*”⁶⁷.

Ainda que passeis por maus momentos, não podeis recuar no vosso empenho “*os tempos são maus para a Igreja. Em muitos países há uma diminuição da fé e deserções, mesmo entre as almas consagradas... Qual deve ser a nossa reparação? Simplesmente a perfeição religiosa, a piedade, o trabalho, a regularidade, com o desejo habitual de*

⁶² DEHON, L., *Directório Espiritual*, I, 2, p. 9.

⁶³ Mt 11, 28.

⁶⁴ DEHON, L., *Directório Espiritual*, II, 1, p. 23.

⁶⁵ Acto de Oblação da Quarta-feira I.

⁶⁶ Assim entende a nossa Regra de Vida o que deve ser a reparação. Cst. N. 23.

⁶⁷ Cst n. 39.

consolar Nosso Senhor e de reparar as nossas faltas e as do próximo. Vivamos todos neste espírito”⁶⁸

d) Perante a desumanização que a nossa cultura produz, que pode dizer-me?

Tenho pouco a dizer acerca disso, que já não te tenha dito. O primeiro, e talvez mais importante, é que “*a devoção ao Sagrado Coração comporta frutos maravilhosos de conversão e de renovação*”⁶⁹. Se quereis lutar contra a desumanização do vosso mundo tereis de interiorizar e de praticar as virtudes próprias da nossa vocação⁷⁰ que são muito humanizadoras e vos aproximam da realidade dos vossos contemporâneos.

Contra estes desafios que desumanizam o homem deveis fazer uso do amor⁷¹, da humildade⁷², do abandono⁷³ da abnegação, desprendimento e renúncia⁷⁴, da **cordialidade**, da nobreza de alma, do optimismo⁷⁵, da concórdia e do bom humor.

Conselhos evangélicos

*d) Ainda que muito rapidamente, porque o tempo urge, gostaria de saber a sua opinião sobre o “valor” dos **conselhos evangélicos** num mundo que fala uma linguagem tão diferente da nossa Regra de Vida.*

A primeira coisa que posso dizer-te é algo que tu já sabes, que os conselhos evangélicos são um testemunho público de separação do “*espírito do mundo*”⁷⁶ e dos comportamentos que lhe são próprios. Creio, com toda a sinceridade, que é urgente que volteis o vosso olhar para Jesus de Nazaré, já que a sua vida, o seu ministério, a sua mensagem é a norma suprema e o critério último de autenticidade que deveis ter. Hoje os vossos contemporâneos são muito críticos em relação a vós, o que me agrada particularmente; dizem-vos com bastante descaramento: “Não me venhas com histórias. Diz-me, como vives tu Jesus de Nazaré?”. E esperam impacientes uma resposta vital convincente. Tendes a obrigação moral de responder a esta pergunta e deveis fazê-lo não com palavras, documentos, ou teorias. Deveis responder a partir do mais profundo do vosso coração. A única resposta possível que entenderão os homens do vosso tempo, como os de todos os tempos, é o **amor**. Mas o amor não se declara, prova-se. E a única

⁶⁸ Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao Pe. J. Weiskopf a 31 de Dezembro de 1911. AD, B 18/6.12.4. Inventário 214.04.

⁶⁹ OS V-1, p. 48.

⁷⁰ O Pe. Dehon enumera 24 virtudes próprias da nossa vocação e que se encontram na VI parte do Directório Espiritual. Quero assinalar apenas algumas: a fé viva, a confiança, o puro amor, a perseverança, a fidelidade, a devoção à Sagrada Escritura, o amor à Igreja, etc.

⁷¹ “*Não se esqueça nunca do nosso fim principal que é a vida de amor*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao Pe. Pedro van Hommerich a 4 de Dezembro de 1912.

⁷² “*Se quereis fazer muito bem, deveis conservar-vos humildes e crescer todos os dias na piedade e na vida interior*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon aos alunos de Bergen op Zoom em 1923. AD, B 19/5.

⁷³ “*Caminhemos dia a dia na humildade e no abandono à Providência*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao P. N. Gengler a 27 de Dezembro de 1913. AD, B 18/6.12.11.

⁷⁴ “*Para pertencer a Jesus Cristo, não basta morrer para a vida dos sentidos... é preciso também morrer para si mesmo pela abnegação interior. E esta a maior e a mais comum ocupação da vida religiosa: Se alguém quiser vir após Mim - diz Jesus Cristo - renegue-se a si mesmo*” DEHON, L., *Directório Espiritual*, VI, 15; n.187.

⁷⁵ “*Ânimo e confiança. A vida florescerá sempre de novo em todos os ramos da árvore*”. Carta dirigida pelo Pe. Dehon ao Pe. F. Heberlé a 17 de Março de 1919. AD, B 20/13.

⁷⁶ 1Cor 2, 12.

prova válida do amor, que jamais traiçoa ou defrauda é a cruz, o dar a vida até ao fim, até à última gota de sangue. Ninguém ama com um amor tão convincente como o que dá a vida por puro amor: “*O amor de Nosso Senhor deve animar toda a vida dos Sacerdotes do Coração de Jesus. A sua vida deve ser uma vida de amor. O amor de Nosso Senhor deve ser o motivo de todas as suas acções... É o nosso coração que Ele pretende, o nosso amor, a nossa vontade, a nossa recta intenção de agradar-Lhe*”⁷⁷.

Para muitos dos vossos contemporâneos os conselhos evangélicos vão contra toda a “lógica humana” porque afectam a pessoa nas três dimensões essenciais da sua existência e das suas relações: amar, possuir e poder. Com a vossa forma de vida tereis que demonstrar tudo o contrário, que os conselhos evangélicos favorecem o desenvolvimento da pessoa, a liberdade espiritual, a purificação do coração e o fervor da caridade. A vossa vida dehoniana deve ser denúncia do consumismo por um estilo evangélico, deve ser uma contraposição dos valores mundanos, como o pragmatismo, a mediocridade no estilo de vida ou a ansiedade perante o futuro, porque “Longe de nos alhear dos homens, a nossa profissão dos conselhos evangélicos torna-nos mais solidários com a sua vida”⁷⁸.

*15 Numa sociedade erotizada como a nossa, que papel pode desempenhar o nosso **celibato** consagrado?*

Antes de responder directamente à tua pergunta, permite-me uma referência bibliográfica. Há pouco tempo, o Pe. Rodcliffe dizia: “o nosso mundo fala de si proclamando-se “mundo livre”, mas, com frequência, trata-se apenas da liberdade de eleger as mercadorias na praça. Precisamos de incarnar uma liberdade nova e radical..., a liberdade da Última Ceia, a liberdade de entregar a nossa vida, de dizer aos nossos irmãos: esta é a minha vida, posso dispor dela e ofereço-a por vós”⁷⁹. Parecem-me palavras muito eloquentes que dizem por si mesmas como deve ser o vosso celibato. Como sabes muito bem, o celibato é uma opção livre pela qual se renuncia por amor a Jesus a toda a vinculação sexual e ao poder que a dita vinculação leva consigo e de que é fonte. Ao renunciar por amor a qualquer poder sobre outro, o coração dilata-se, abrindo-se a um **amor gratuito, oblativo e universal**. Este conselho evangélico deve fazer-vos viver em atitude de felicidade e de doação gratuita. E ao mesmo tempo deve tornar-vos **disponíveis** para o anúncio da boa nova, para a solidariedade com os marginalizados da vossa sociedade⁸⁰ e para o contacto contínuo e profundo com Deus.

Creio que, com o que disse anteriormente, ficou suficientemente claro o papel que pode desempenhar o vosso celibato no vosso mundo pan-sexualizado, mas não esqueças que o celibato não é uma estratégia de eficácia apostólica, nem o resultado de uma série de razões; só haverá celibato suficientemente maduro quando aquele que opta por ele tiver “acreditado no Amor”. Perdoa que insista, mas parece-me importante, o celibato não é renúncia nem à vida nem ao amor. Por isso não vos é negado amar, o que vos é proibido é amar pouco e mal. Finalmente, o celibato não é, antes de mais, uma decisão ou um projecto humano, mas um **dom** de Deus e é como dom e carisma que deveis vivê-lo e cuidar dele.

⁷⁷ DEHON, L., Directório Espiritual VI, 3. nn. 159.160.

⁷⁸ Cst n. 38. Ao mesmo tempo a nossa Regra de Vida diz: “*No seguimento de Cristo, devemos viver em solidariedade efectiva com os homens*”. Cst n. 29.

⁷⁹ Citado por LÓPEZ ARRÓNIZ, P., *Al aire de Jesús de Nazaret*, S. Pablo, Madrid, 1996, p. 61.

⁸⁰ Cst n. 42^a: “(O celibato) *liberta o nosso coração, abre-nos à inspiração do Espírito e ao encontro com o próximo na caridade fraterna*”.

16. *Tendo em conta a mentalidade actual, que palavra pode trazer a pobreza, vista na perspectiva do Evangelho?*

O homem ocidental actual está feito para o consumo, a obtenção do máximo prazer e conforto, etc. O seu horizonte limita-se ao que pode acumular e desfrutar no momento presente sem outra perspectiva. Na vossa civilização do consumo pensa-se que quanto mais se tem (dinheiro, propriedades, fama, êxito, títulos, relações...) mais se é. Daí a febre possessiva e acumulativa: ter muitas coisas, electrodomésticos, carros, apartamentos, relógios, mudas contínuas de roupa, adquirir, comprar. Lutais para não ser menos do que os outros; a aparência e a dissimulação são normalmente as coordenadas das relações entre as pessoas. Neste contexto, é claro que a pobreza evangélica não é vista como um valor por boa parte da vossa sociedade. Mas também é verdade que algumas das vossas atitudes “pobres” são julgadas de forma positiva pelos vossos contemporâneos: a simplicidade⁸¹, o trabalho⁸², a partilha dos bens próprios com os outros⁸³, o compromisso pessoal⁸⁴, etc.

Num mundo onde a necessidade de consumo se converteu em consumismo - que embota o coração e insensibiliza as entranhas – vós, dehonianos, sois chamados a vencê-lo, a sair das comodidades e seguranças e a ir ali onde mais necessária seja a vossa vida para “evitar qualquer forma de injustiça social”⁸⁵, pois o vosso compromisso de pobreza deve significar “a entrega de toda a nossa (vossa) vida ao serviço do Evangelho”⁸⁶. Sem perder de vista que renunciar aos bens materiais sem confiar plenamente em Deus é esvaziar a pobreza de Jesus de todo o seu sentido e conteúdo evangélico. Será outra pobreza, não a mesma pobreza do Mestre. Recorda-te de que abraçar a pobreza religiosa é viver uma intensa **confiança**, **abandono** e **segurança** em Deus: “Felizes os pobres que o são no seu íntimo, porque deles é o Reino de Deus”⁸⁷.

17. *Numa sociedade como a nossa, que faz finca-pé na liberdade, criatividade, autonomia e independência do indivíduo, que sentido pode ter a obediência?*

A obediência associa-se, com frequência, a dependência, pressão, falta de liberdade. Nesta perspectiva, pensa-se que constitui um obstáculo à maturidade, à responsabilidade e à criatividade do indivíduo. No vosso tempo, em que a cultura se centra na realização narcisista e incapaz de oferecer horizontes de transcendência, e se orienta, por outro lado, para competitividade, para o poder, para o êxito a qualquer

⁸¹ Cst n. 49: “A pobreza exige que procuremos juntos um estilo de vida simples e modesto”.

⁸² Cst n. 48 “o nosso trabalho, retribuído ou não, faz-nos participar verdadeiramente na vida e condição dos homens do nosso tempo”.

⁸³ Cst n. 46: “A partilha dos bens no amor fraterno permite-nos verificar que, na Igreja e com a Igreja, somos sinal no meio dos nossos irmãos”.

⁸⁴ Cst n. 51: “Se tomarmos a sério o nosso compromisso de pobreza, estaremos dispostos a pôr tudo em comum entre nós e a ir ao encontro dos pobres e necessitados”.

⁸⁵ Cst n. 51.

⁸⁶ Cst n. 52.

⁸⁷ Mt 5, 3.

preço, resulta especialmente difícil para vós apreciar o valor da obediência. Pois bem, hoje parece um contra-senso e um contra-valor. Por esta razão, é imprescindível que façais a “leitura” do conselho evangélico de obediência à luz do seguimento de Jesus de Nazaré cuja vida se centrou em fazer a vontade do Pai: “*o meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou e realizar a sua obra*”⁸⁸. Vive para o Pai e para o . Vive para o Pai e para o Reino, para cumprir a sua vontade. Por isso, o centro e o fundamento da vossa obediência deve ter como modelo a atitude de Jesus: “*vim para fazer a vontade de meu Pai*”⁸⁹.

A obediência religiosa não menospreza a dignidade da pessoa; pelo contrário, leva-a à maturidade porque faz crescer a **liberdade**⁹⁰ dos filhos de Deus. É claro que a obediência implica liberdade; sem ela, não existe. A obediência supõe responsabilidade: cada um de vós é responsável pela sua vida e pela sua vocação, pela sua resposta ao chamamento para o seguimento, pela prática da caridade, pelo crescimento da comunidade e da missão que lhe está confiada. A obediência implica **disponibilidade** permanente, **entrega** de vós mesmos e espírito de comunhão.

O conselho evangélico da obediência deve ser lido em chave de **amor** e de **serviço** a Deus e aos irmãos. Obedecer não é submeter-se à vontade de outro, mas em comum **abandonar-se** e pôr-se à **escuta** d’Aquele que fala por meio de tantos sinais que precisais de decifrar. Num mundo como o vosso, que compete pelo poder, é preciso que ofereçais a **gratuidade** do serviço já que sois chamados a ser testemunhas de **relação solidária**. Obediência, finalmente, significa **caminhar na fé**, na fidelidade, pelos caminhos do Senhor, seguindo os seus preceitos que são projectos de benevolência.

Desafios da Congregação

18. *Depois do percurso que fizemos, na sua opinião, quais são os desafios mais significativos que nossa Congregação tem pela frente?*

Depois de tudo o que dissemos, creio que o mais prático e concreto enumerar os desafios que se apresentam à vossa consagração religiosa:

- a) O primeiro desafio é vencer a tentação do **imediate**. Não se trata só de evitar que o “urgente” vos distraia do importante; o que está em jogo é o descuido e o esquecimento do essencial. E por essencial intendo o cultivo do Silêncio e da Interioridade.
- b) O segundo desafio está estreitamente relacionado com o primeiro, e refere-se à dificuldade que tendes em fazer **silêncio**. Porque estais submetidos a um impacto visual, auditivo, informativo; portanto, pertence-vos a vós saber encontrar tempos, modos e métodos para ajudar a silenciar esses ruídos.
- c) Tenho a impressão de que o terceiro desafio passa pela fidelidade pessoal à **oração** e por viver em profundidade a oração comunitária, já que, às vezes, fico com a sensação de que não **sabeis rezar juntos**. Limitai-vos a “recitar” com os lábios e não com o coração, pelo que a vossa oração comunitária em vez de

⁸⁸ Jo 4, 34.

⁸⁹ Hb 10, 7.

⁹⁰ Cst n. 57: “*Num mundo em que os homens aspiram à liberdade, testemunhar a verdadeira liberdade que Cristo nos adquiriu e que só se consegue pela submissão ao Pai*”.

partilhar vida, paixão e entusiasmo, fica reduzida a um espaço de repetição e auto-justificação.

d) Deveis superar a tentação do **censo**, ou a preocupação excessiva pelo número, porque desta forma vos colocais no centro da vossa atenção, perdendo de vista o essencial: o vosso compromisso com a causa evangélica.

e) Outro desafio importante tem a ver com o modo como vos apresentais diante do mundo, ou como vos percebem os vossos contemporâneos; deveis ser **sinais**, mais ainda, **sinais proféticos**. E isto deve levar-vos: a uma permanente vida de **conversão**, a ser **testemunhas** do Deus vivo e verdadeiro, e ao primado da **fé** (para evitar reduzir o evangelho a uma caridade que se persegue por meio de um voluntariado, deveis ser profetas da fé).

19. *Última pergunta: que recomenda aos jovens religiosos e noviços actuais e, sobretudo, aos futuros?*

A primeira recomendação é que deveis por em comum aquilo que tendes: alegria, fé e esperança diante da tristeza, da desconfiança e do sem-sentido que predominam à vossa volta. Na vossa gíria juvenil dizeis: quero tudo, quero-o depressa, quero-o aqui... logicamente uma vida assim vive-se cada vez mais depressa, tem que amar depressa, trabalhar depressa, divertir-se depressa, queimar depressa o tempo livre. E a vida, também a vida religiosa, é busca de felicidade baseada no projecto das bem-aventuranças. Na linguagem dos evangelhos dir-vos-ia que precisais de vos transformar em seres que amam, que saem de si mesmos, que se perdem a si mesmos e assim ganham a própria vida.

Aos religiosos jovens e aos noviços recorro com João Paulo II que *tendes o futuro diante de vós*. Que ainda que tenhamos pintado o passado com cores triunfalistas, não podemos oferecer o mesmo para o futuro; o futuro terá conotações mais evangélicas, mais simples, mas mais convincentes. Queria dizer-vos que não sois os últimos guardiães de um museu⁹¹ mas os herdeiros, os receptores da *traditio* de uma vida, não de uma recordação nem de uma instituição gloriosa. Essa é a palavra fundamental.

Também vos digo que quem é fraco se fecha. A Congregação, se é forte, há-de abrir-se, e não se deterá a contemplar o seu passado, nem a lembrar com saudade esquemas, situações ou estruturas, nem prevenindo-se de menos “privilégios” ou influências ou números. Neste momento, a Congregação precisa de religiosos preparados, capazes de reflectir, capazes de um diálogo criativo e aberto. Só se confiardes na promessa e não na elevada média etária da Congregação é que conseguireis realizar a força do carisma fundacional.

A quantos estais desanimados ou temerosos a olhar para o futuro, eu vos digo: “*não tendes outro desejo senão viver para Jesus e então já nada vos poderá separar d’Ele*”⁹². Não vos apoieis no desalento ou no pessimismo para justificar a vossa passividade “*acaso não dissemos, como tantas vezes, que não há nada para fazer, quando está tudo por fazer?*”⁹³. Nem tampouco vos considereis indignos desta vocação “*e recusá-la por uma falsa humildade, que o demónio excita nos maus momentos da tentação... Acaso não escolheu Nosso Senhor os mais fracos instrumentos para melhor demonstrar o seu próprio poder? E os Apóstolos, eram acaso dignos!... vamos*

⁹¹ Palavras pronunciadas por ^a GARDIN numa entrevista publicada em *Vida Religiosa*, Março 2001, n. 3, vol. 91, p. 8.

⁹² Cf. CF IV, 64-65, 26 de Novembro de 1880.

⁹³ OS. IV, p. 574.

desanimar porque ainda caímos com frequência? Não, se soubermos levantar-nos em seguida, e demonstrar uma fidelidade, se não constante, pelo menos constantemente renovada”⁹⁴

É hora de serdes o que sois. Deveis anunciar com a vida aquilo que dizeis professar, é hora de entregar a vida: “*em verdade vos digo que se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto*”⁹⁵. Precisais de viver com **paixão**, precisais de vos converter em homens apaixonados por esse Deus que se mostra apaixonado por este vosso mundo para o tornar seu reino. Deveis encarnar as grandes paixões evangélicas: onde a justiça e a paz se osculam, onde cada ser humano viva erguido sem ser oprimido por nenhuma escravatura, onde a fraternidade seja uma realidade palpável. Deveis reforçar a cultura da relação, o convívio, o respeito, a paz, o reconhecimento mútuo e o encontro, da religião festiva e alegre, da austeridade para partilhar, da esperança. Talvez vos sobrem funções e falem testemunhas.

Estando consciente de que me repito nas minhas ideias, creio que aquilo de que precisais é:

- a) Uma **contemplação confiante** que é mais necessária do que nunca neste tempo de eficiências imediatas e de visibilidades. Falta-vos confiança filial, liberdade evangélica.
- b) Um **testemunho coerente**. Viveis na civilização da imagem. Hoje, mais do que nunca, quando tudo se vê e tudo se sabe, o testemunho há-de ser coerente, sem fissura, na vida pessoal e institucional. Um mundo como o vosso submetido à mentira e à corrupção precisa de veracidade e transparência.
- c) Um **convívio fraterno**. Ser sal da terra significa conviver, não apenas coexistir.
- d) Um **acolhimento gratuito e serviçal**. Deveis preocupar-vos não só por atender àquele que está à margem do caminho mas também vos deveis deixar encontrar. Deveis acolher sempre, gratuitamente. É mais fácil celebrar a Eucaristia ritual do que praticar um lava-pés comprometido.
- e) Uma **esperança pascal**. Na vossa cultura parece que a esperança não tem lugar. Hoje, mais do que nunca, impõe-se a esperança! Deveis anunciar que contra toda a esperança (produtivista, consumista, imediatista, passiva), esperais. Deveis proclamar humildemente, mas sem complexos, a vossa esperança pascal e escatológica. E deveis torná-la credível aqui e agora.

Estando consciente da dificuldade que tudo isto acarreta, digo-te: “*Para realizar um objectivo tão nobre precisa-se de uma preparação forte e, ao mesmo tempo, delicada . Precisam-se de espíritos iluminados, vontades firmes para uma severa disciplina e corações inflamados para a oração ardente*”⁹⁶... Reconheces-te neste quadro? É a fotografia dos verdadeiros discípulos do Coração de Jesus... ânimo, então. Ao trabalho, sem perder mais tempo.

Com estas palavras, damos por terminada a entrevista, Pe. Dehon. Obrigado pelo seu tempo, pela sua paciência, e pela sua sabedoria.

Por nada e um feliz 125 aniversário da fundação da nossa Congregação. O mundo espera muito de vós.

⁹⁴ Cf II, 23.3.1880.

⁹⁵ Jo 12, 24.

⁹⁶ DEHON, L., Carta dirigida ao Escolasticado de Lille a 4 de Janeiro de 1893. Os sublinhados são meus.

Valentim Pèrez Flores, scj

10 de Abril de 2002.